

“ITINERÁRIOS DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO” EM PORTUGAL: UMA ANÁLISE DA REVISTA DO GABINETE DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO DA FLUP

Maria Dulcinea da S. Loureiro

Universidade Regional do Cariri

Nessa comunicação lançamos um olhar no percurso da Revista “Itinerários de Filosofia da Educação” publicada pelo Gabinete de Filosofia da Educação, vinculado ao Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O periódico tem por finalidade congregar, proporcionar e promover o debate em torno das grandes problemáticas da filosofia da educação. Dessa forma, a Revista tem o escopo de, não só congregar as atividades do Gabinete de Filosofia da Educação, como dá visibilidade as discussões constituindo-se como um dos *locus* onde o campo da Filosofia da Educação em Portugal se constitui. Partimos da hipótese de que a análise do periódico e dos discursos proferidos nos editoriais podem dar elementos para apreender a concepção de Filosofia da Educação que anima a Escola do Porto, bem como, as relações que atravessam esse campo nas suas múltiplas interfaces com a Filosofia e as Ciências da Educação.

Considerações iniciais

Nas últimas décadas assistimos a consolidação da área da Filosofia da Educação em Portugal. Esse processo se iniciou com a realização de encontros nacionais e internacionais a partir da década 80 do século XX em Portugal o que possibilitou a organização de um grupo de investigadores que, posteriormente, em 1996, junto a Universidade do Porto, promoveu a criação do Gabinete de Filosofia da Educação da FLUP vinculado ao Instituto de Filosofia. Em 2004, o grupo publicou a *Revista Itinerários de Filosofia da Educação* e, em 2006, o *Dicionário Filosofia da Educação*.

Destarte, a primeira hipótese que levantamos é a da centralidade do Gabinete de Filosofia da Educação – GFE, para a constituição e consolidação desse campo em Portugal, ressaltamos que, ao afirmar a centralidade do GFE para a conformação do campo, não significa ignorar ou não reconhecer a contribuição de investigadores vinculados a outras instituições em Portugal.

Nessa comunicação propomo-nos de forma aproximativa a acompanhar o percurso da Filosofia da Educação em Portugal a partir da análise da Revista *Itinerários de Filosofia da Educação*, não com a pretensão de conseguir esgotar toda a riqueza e nuances e de apreender tudo, mas conscientes da necessidade de continuar investigando. Temos consciência que não estamos

lidando com algo pronto e acabado. Este é um campo em pleno processo de consolidação, de efervescência, de produção intelectual.

Percorrer a trajetória da Filosofia da Educação a partir do periódico se justifica, na medida em que, ao dá visibilidade as discussões realizadas nos Colóquios, Seminários e Congressos de Filosofia da Educação em Portugal, com a publicação de artigos de investigadores das instituições portuguesas e de outros países, possibilita perceber quais as problemáticas que mobilizam os investigadores da Filosofia da Educação em um determinado período.

1. Por entre a educação e a filosofia: a filosofia da educação

Partimos da premissa de que a constituição de um campo denominado Filosofia da educação¹ em Portugal é recente, datando dos anos 80 e 90 do século XX, período em que encontramos uma reflexão mais sistematizada que se denomina de “filosofia da educação”, com a discussão quanto a sua identidade, pressupostos, objetivos. Reiteramos² que, anteriormente aos anos 80 em Portugal, já havia uma reflexão filosófica acerca das problemáticas educativas nas obras de filósofos como Fidelino Figueiredo, Leonardo Coimbra, Vergílio Ferreira, dentre outros. Entretanto, será somente a partir dos anos 90 do século XX que a área irá se fortalecer, podendo-se falar da organização de um campo, que reflete, escreve, publicando obras: periódico, dicionário e realiza eventos: Congressos e Seminários de Filosofia da Educação e cria o Gabinete de Filosofia da Educação.

Quando nos referimos a Filosofia da Educação como um campo³, é imprescindível ter em mente que estamos nos referindo a um campo que é por natureza híbrido, ou seja, comporta duas áreas específicas do conhecimento, a Filosofia e a Educação. Em alguns contextos surge resguardado pela Filosofia e, em outros, pela Educação, seja nas Ciências da Educação ou nos cursos de Pedagogia. O lugar da constituição, de alguma forma, marca a conformação do campo naquele contexto. É comum, portanto, que, em tendo sua origem no espaço da filosofia, precise construir as pontes necessárias para o diálogo com a educação, da mesma forma, quando o berço é na educação há que se buscar um diálogo com a filosofia. Onde, a natureza das reflexões, organização e publicações tem a marca das relações que se entrelaçam a partir da participação/vinculação dos investigadores sejam a filosofia ou a educação.

¹ Segundo Ibáñez-Martín (2006), o início do campo se dá a partir de 1834 com a publicação de um livro com o título de Filosofia da Educação de James Simpson em Edimburgo e, em 1837, Rottels publica “The philosophy of education wits its practical applications to a sistem and plan of popular education as a nacional objecto”.

² Conf. Fidelino Fugueiredo (1931) o texto *Imagem-força: um conceito para a Filosofia da Educação*; Vergílio Ferreira, José Enes, Leonardo Coimbra, entre outros.

³ Tomaremos o conceito a partir de Bourdieu. A constituição de um campo seja disciplinar, científico ocorre pela conjugação de diferentes elementos que vão desde as relações entre capitais (culturais, sociais, científicos) e constituição de um *habitus*.

Não podemos desconsiderar a existência de um certo preconceito⁴ com a Filosofia da Educação de ambos os lados. Para muitos filósofos a reflexão sobre educação é considerada menor, apesar da presença nas obras dos mais conceituados filósofos como, por exemplo, Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Emanuel Kant, Rousseau, Hegel, Habermas, Paul Ricouer, só para citar alguns, não constitui, no entanto, o núcleo do pensamento desses pensadores. Na outra margem, para os investigadores da Educação a filosofia da educação também é vista com desconfiança, seja, por identificarem a filosofia como uma reflexão metafísica, sem utilidade prática acerca da realidade e do ser, seja, por considerarem pretenciosas essas mesmas reflexões por se arvorarem da busca dos fundamentos ou do sentido da educação.

Há ainda, uma ambiguidade em relação à Filosofia da Educação⁵, ou seja, não há um consenso acerca da sua natureza, especificidade e identidade. Carvalho (2001, p. 12) lembra que a filosofia da educação “não aparece entre as disciplinas clássicas da filosofia, não sendo também muito definida a sua posição no contexto dos currículos universitários”. Se, por um lado, essa ambiguidade demonstra uma indefinição de estatuto, por outro, lhe favorece em abertura “aos debates acerca dos seus limites, do seu âmbito e, inclusive - o que parecerá paradoxal -, acerca da sua natureza, debates que lhe proporcionam um questionamento rico em problematizações e em perspectivas de pesquisa” (Idem, p.12-13).

Na tentativa de demarcar um período em que se dá a gênese da constituição do campo identificamos, já em princípios da década de 80, na Revista Portuguesa de Filosofia (1982, nº 38⁶) o uso do termo Filosofia da Educação em três artigos: “A filosofia da educação no contexto das relações da Filosofia com as Ciências” do prof. Adalberto D. Carvalho; o texto “Para uma filosofia da educação” do prof. José Ribeiro Dias e o texto “Doutrinação: fogo cruzado em filosofia da educação” do professor Manuel Alte da Veiga.

Se na década de 1980 já encontramos um número significativo de trabalhos que tratam filosoficamente dos fenômenos educativos será nos anos 90 do século XX que esses intelectuais começam a se organizar mais sistematicamente. A constituição do campo da Filosofia da Educação em Portugal é, desta forma, o resultado do esforço de pesquisadores de várias instituições

⁴ Essa questão é abordada por muitos pensadores. Conf. em Patrício (2010) no texto “Filosofia da Educação: um domínio que importa investir.”; Nanine (1998) *Quelle identité pour la philosophie de l'éducation?*;

⁵ Conf. Severino (2002), Ibáñez-Martín (2006), Wilson afirma: “as pessoas conferem sentidos diferentes ao que nós chamamos ‘Filosofia da educação’, porque tem diferentes perspectivas do que a filosofia da educação é ou deveria ser. Com efeito, diferem sobre os procedimentos, os temas a tratar e os critérios de êxito.” (In: CARVALHO, 2006)

Anteriormente ao número 38 do periódico, nos deparamos com 22 artigos que tratam de questões relativas aos fundamentos filosóficos da pedagogia (04), ao ensino da Filosofia (03), a Reforma do ensino secundário (04), temáticas relacionadas com a psicologia da educação (07), e quatro textos sobre variadas questões como avaliação em testes de desenho, educação estética, educação e política em Platão. Do número 38 até o número 49 teremos 40 artigos agrupados⁶ na área de Filosofia e Educação tratando de temáticas que vão desde o ensino de Filosofia, a reflexões sobre o conhecimento e as reformas de ensino.

portuguesas em sintonia com as discussões que ocorriam na Europa, mais especificamente junto aos investigadores de instituições da França, da Espanha e da Alemanha, feitas através de relações institucionais (formação, pós-graduação, cursos), realizadas na participação e organização de eventos científicos. Esses laços que se fortaleceram durante toda a década impulsionam a criação do Gabinete de Filosofia da Educação em 1996 e a organização de eventos nacionais e internacionais em Portugal e mostram a força da produção que ocorria nesse período. Assim, ao Encontro Nacional de Filosofia da Educação de 1997 se seguirá a 1ª e a 2ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação respectivamente em 1998 e 2005. Em 1997 e 1999 na Universidade dos Açores acontece o 1º e 2º Colóquios de Filosofia da Educação. Em 2008 a criação da SOFELP consistirá passo importante para a consolidação da área nos países lusófonos.

2. A Revista Itinerários de Filosofia da Educação

Passo decisivo para a consolidação do campo será a publicação em 2004 da Revista *Itinerários de Filosofia da Educação* sob a coordenação do Gabinete de Filosofia da Educação da FLUP, um projeto que congrega várias finalidades⁷ como:

- Proporcionar o acesso às grandes temáticas e problemáticas da Filosofia da Educação que, desenvolvidas nas perspectivas antropológica, hermenêutica, ética e epistemológica no seio do GFE, são susceptíveis de proporcionarem o debate e confronto de ideias na comunidade científica.
- Permitir, através desta publicação, o questionamento de perspectivas entre pessoas com formações diversas, sobre as temáticas apresentadas, indo ao encontro das necessidades de formação contínua e actualizada, particularmente dos professores de filosofia do ensino secundário.
- Cumprimento dos propósitos de divulgação, internacionalização e abertura à comunidade da investigação produzida pela linha de investigação

Deste modo, a Revista tem o escopo de, não só congregar as atividades do GFE, mas de abarcar um “publico mais alargado de investigadores e profissionais directa ou indirectamente relacionados com o domínio da Filosofia da Educação” (Edição N°1) e de “se construir progressivamente um corpo de saber próprio da Filosofia da Educação com uma incontornável e efectiva natureza filosófica. Uma filosofia que, por acréscimo, seja detentora de relevância social” (Idem, ibdem).

⁷ Essa informação esta disponível no site do Gabinete de Filosofia da Educação. <http://ifilosofia.up.pt/gfe/>

A denominação *Itinerários de Filosofia da Educação* deixa entrever que a Revista nasce com objetivos claros, congrega a discussão do campo, o que será explicitado em vários editoriais. Etimologicamente o termo *itinerário*, que vem do latim *iter-itineris*, significa viagem, trajeto. No verbete do Dicionário Larousse (2007, p. 585) temos a seguinte definição: “1. Relativo a caminho. 2. Que marca a distância de um lugar a outro (diz-se de medida). S.m. 3. Caminho a percorrer ou percorrido, percurso. 4. Descrição de uma viagem, de sua trajetória”. Não podemos perder de vista que o termo *itinerário* está no plural, nos remetendo a caminhos, percursos. No texto “Itinerância antropológica e alteridade”, Carvalho (2012), nos fala de itinerâncias “num esforço para distinguirmos o simples percurso pautado por referenciais prévios e rígidos daquilo que será uma caminhada que, buscando a realização de algo, incorpora as surpresas – agradáveis ou desagradáveis, favoráveis ou desfavoráveis – como sinuosidades de um trajeto que, por isso, se enriquece através de sua própria ramificação (p.15).

Neste sentido indagamos: Qual o papel que a revista “*Itinerários da Filosofia da Educação*” da Universidade do Porto/GFE, desempenha na constituição/consolidação desse campo? Como se dão as relações entre a Filosofia e a Educação na prefiguração da Filosofia da Educação? Essas são as questões que norteiam a leitura e análise dos 11 volumes da Revista.

Pensar a constituição de um campo tomando com um elemento importante nesse processo a trajetória de um periódico é pressupor que a análise desse material/documento pode nos dar acesso através dos discursos proferidos, nesse caso, nos editoriais, de testemunhos que revelam facetas do cotidiano que os artigos e documentos não nos permitiriam captar, o que pode nos levar a entrever as relações e os conflitos que se engendram na constituição do campo, sejam explícitos e implícitos, nas teias das relações que vão se constituindo entre esses sujeitos nos espaços e territórios institucionais e epistemológicos em que se encontram.

No entanto, não podemos perder de vista que a apreensão dessas relações que ora se revelam, ora ficam nas margens, nas entrelinhas, não se manifestam em toda sua totalidade, na sua complexidade. Mas, tomamos como ponto de partida a hipótese de que a análise dos periódicos e dos discursos proferidos nos editoriais podem nos dá elementos para apreender as relações que atravessam, neste caso específico, o campo da filosofia da educação nas suas múltiplas relações com a Filosofia e as Ciências da Educação e na organização de uma rede de investigadores que se propõem a pensar a Filosofia da Educação.

Concordamos com Nóvoa (1997, p. 11) quando insiste que "a análise da imprensa permite apreender discursos que articulam práticas e teorias, que se situam no nível macro do sistema mas também no plano micro da experiência concreta, que exprimem desejos de futuro ao mesmo tempo que denunciam situações do presente".

De 2004 a 2012 foram publicados 11 volumes da Revista, registrando que em 2009 não houve publicação e nos anos de 2006, 2007⁸ e 2010 foram publicados dois volumes anuais. No quadro abaixo apresentamos, desde a criação da Revista a quantidade de artigos publicados, que variam de 05 a 19 por publicação.

Ano	Número	nº de pág.	nº de art.	Conselho editorial/Conselho Científico
2004	1	155	9	Adalberto D. de Carvalho (FLUP); Jean Hussaye (U. Rouen); Anne-Marie Drouins-Hans (U. Bourgogne), Joan-Carles Mèlich (U. Barcelona)
2005	2	144	8	Adalberto D. de Carvalho (FLUP); Eugénia Vilela (FLUP); Paula C. Pereira (FLUP); Jean Hussaye (U. Rouen); Anne-Marie Drouins-Hans (U. Bourgogne), Joan-Carles Mèlich (U. Barcelona)
2006	3 4	317 229	19 17	Mesma composição do 2º número
2007	5 6	146 82	6 5	Mesma composição do 2º número
2008	7	183	9	Adalberto D. de Carvalho (FLUP); Eugénia Vilela (FLUP); Paula C. Pereira (FLUP); Jean Hussaye (U. Rouen); Anne-Marie Drouins-Hans (U. Bourgogne), Joan-Carles Mèlich (U. Barcelona); Elena Theodoropoulou (U. do Mar Egeu)
2010	8 9	126 181	7 8	Mesma composição do 7º número
2011	10	98	5	Adalberto D. de Carvalho (FLUP); Eugénia Vilela (FLUP); Paula C. Pereira (FLUP); Jean Hussaye (U. Rouen); Anne-Marie Drouins-Hans (U. Bourgogne), Elena Theodoropoulou (U. do Mar Egeu)
2012	11	249	13	Adalberto D. de Carvalho (FLUP); Alberto Filipe de Araújo (U. Minho); Anne-Marie Drouins-Hans (U. Bourgogne); Antonio Severino (USP); Elena Theodoropoulou (U. do Mar Egeu); Jean Hussaye (U. Rouen); Joan-Carles Mèlich (U. Autònoma de Barcelona); Joaquim M. de Araújo (U. Minho); Manuel F. Patrício (U. Évora); Marcos Lorieri (UNINOVE); Michel Soetard (Centro de documentação e Pesquisa Pestalozzi); Paula C. Pereira (FLUP); Pedro Pagni (U. Estadual Paulista); Sílvio Gallo (UNICAMP); Terezinha Azerêdo Rios (UNINOVE)

O Conselho Editorial do periódico tem um núcleo que permanece por quase todo o período, com acréscimo de mais dois professores da FLUP já a partir do 2º número da revista. Mantem-se inalterada a composição do Conselho até o número 7, com a entrada da prof. Elena Theodoropoulou, da Universidade do Mar Egeu e, no 10 número, com a saída do prof. Joan-Carles Mèlich da Universidade de Barcelona. A composição do Conselho científico a partir do 11º número teve alteração com o aumento de professores, passando de 06 para 15. Nessa nova composição, além dos investigadores de Portugal, França, Grécia e Espanha, passam a ser membros do Conselho 05 investigadores de diferentes instituições brasileiras, todos membros da SOFELP. A composição do conselho editorial é por si reveladora do objetivo de internacionalização do campo.

⁸ O editorial da Revista nº 6 informa as mudanças que irão ocorrer a partir da publicação do nº 7, que vão desde a periodicidade que deixará de ser semestral para tornar-se anual às questões na organização da revista que passará a “subordinar-se às exigências impostas pela adoção da lógica editorial dos referees” (Ed. nº07).

A Revista publica os textos apresentados no âmbito do Gabinete nos Colóquios: “Limiares de Sentido da Educação Contemporânea” (Nº1), Colóquio da Rede Problema (Nº 10); nas conferências: II Conferência Internacional de Filosofia da Educação (Nº 3 e 4); nos debates do Gabinete (Nº2).

Que a Revista tem se constituído num espaço que dá visibilidade a área é um fato, e mais, aos investigadores da FLUP ligados ao GFE. Como podemos comprovar no quadro abaixo, investigadores de 13 instituições portuguesas com um total de 60 artigos, destes, 22 são de autoria de professores/investigadores ligados a FLUP/GFE, em seguida temos 12 artigos da Universidade do Minho. Mas também é preciso ressaltar que nesses 11 números de existência da Revista encontramos 47 artigos de pesquisadores de 25 instituições de países diferentes, o que revela o grau de internacionalização da Revista:

PAÍS	INSTITUIÇÃO	ART. PUBLICADO
PORTUGAL	UNIVERSIDADE DO MINHO	12
	UNIVERSIDADE DO PORTO FLUP – GFE	22
	UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA	03
	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	02
	UNIVERSIDADE DE COIMBRA	03
	UNIVERSIDADE DOS AÇORES	05
	UNIVERSIDADE ATRÁS-OS-MONTES	05
	UNIVERSIDADE DE ÉVORA	01
	UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA	02
	UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR	02
	INSTITUTO POLITECNICO DE BRAGA	01
	ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRANSINETTI	02
	ESCOLA SECUNDÁRIA JOAQUIM DE ARAÚJO PENAFIEL	01
	UNIVERSIDADE DE LISBOA	01
TOTAL: 14 INSTITUIÇÕES	60	
FRANÇA	UNIVERSITÉ DE BOURGOGNE	01
	UNIVERSITÉ DE NANTES	02
	UNIVERSITÉ DE ROUEN	08
	UNIVERSITÉ LUMIÈRE LYON II	05
	SOCIÉTÉ FRANCOPHONE DE PHILOSOPHIE DE L'EDUCACION	01
	UNIVERSITÉ CATHOLIQUE DE L'OESTE	04

	TOTAL: 06 INSTITUIÇÕES	19
ARGENTINA	UNIVERSITAT AUTÓNOMA DE BARCELONA	01
ESPAÑA	UNIVERSIDADE NACIONAL DE EDUCACION A DISTANCIA – MADRID	01
CHILE	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DO CHILE	01
BRASIL	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA	03
	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	01
	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	03
	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA	02
	UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE	04
	UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIAS	01
	UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS	01
	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	01
	FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE CARUARU	01
	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	01
	UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS	01
	TOTAL: 11 INSTITUIÇÕES	19
GRECIA	UNIVERSIDADE DO MAR EGEU	02
ALEMANHA	UNIVERSIDADE DE MANSTER	01
	UNIVERSIDADE HALLE-WITTENBERG	01
	TOTAL: 02 INSTITUIÇÕES	02
CABO VERDE	UNIVERSIDADE DE SANTIAGO	01
	UNIVERSIDADE PÚBLICA DE CABO VERDE	01
	TOTAL: 02 INSTITUIÇÕES	02
TOTAL DE ARTIGOS		107

Em 2012, na publicação do número 11, identificamos mudanças significativas no periódico, dentre elas: *layout* da capa, a forma de disposição dos artigos, localização dos resumos/abstract - que passam a vir no início dos textos - a disponibilização das normas para o envio e aceitação de originais e a ampliação do Conselho Científico.

Para a análise do periódico, inicialmente os agrupamos a partir de escolas filosóficas o que, na prática se revelou inadequado, dada a riqueza e diversidade das abordagens e o risco de enquadramento dos autores em posições que não correspondessem ao conjunto das suas investigações. Desta forma, optamos por trabalhar com quatro categorias gerais: Contemporaneidade; Interculturalidade; Filosofia da Educação e Subjetividade. A partir dessas

categorias elencamos as temáticas que subjazem às questões discutidas para abarcar uma maior diversidade de artigos. No entanto, como podemos verificar no quadro abaixo, há artigos que poderiam ser classificados em mais de uma categoria:

Categorias	Temáticas	Artigos
Contemporaneidade	<p>Educação contemporânea</p> <p>Utopia</p> <p>Projeto Problematização</p>	<p>v.1 – A educação pode escapar à violência?</p> <p>v.1 – De l’espoir pour éduquer?</p> <p>v.1 – O princípio realidade e a educação</p> <p>v.1 – A propôs de l’expression “on en est revenu de...”, ou, pour la defense d’une post-postmodernité</p> <p>v.1 – Peinar la muerte adentro – Eduardo Chillida e Ramón Sampedro como pretexto</p> <p>v.3 – Educação contemporânea como lugar de (im)possíveis.</p> <p>v.3 – Homem real – Homem ideal: porque são utópicas as utopias</p> <p>v.3 – Crise na educação – da contradição à contradição</p> <p>v.4 – Reflexões preliminares sobre os limiares éticos e antropológicos da educação contemporânea</p> <p>v.4 – Liberdade, educação e fim de vida: a questão do suicídio racional</p> <p>v.4 – Educar com rumo incerto: da carência à recuperação de um projecto</p> <p>v.4 – Como educar para a tolerância sem cair na indiferença e na permissividade?</p> <p>v.4 – O problema do corpo na educação contemporânea: paralelos entre Foucault e Adorno</p> <p>v.4 – Mudança educacional: a perspectiva de Marshall McLuhan</p> <p>v.4 – O pensamento como um exercício do e no limiar</p> <p>v.4 – Sobre a suposta antinomia liberdade-autoridade na educação</p> <p>v.4 – La idea de universidad em el espacio europeo de edacación superior: prós y contras de um modelo</p> <p>v.4 – Hans Christian Andersen e a imortalidade</p> <p>v.6 – Mito de Pigmalião e modos de dizer educação</p> <p>v.7 – O bom professor e suas vicissitudes</p> <p>v.7 – As dimensões constitutivas da pedagogia como campo do conhecimento</p> <p>v.8 - Para uma educação humanista contemporânea</p> <p>v.8 – A educação como antropogogia: o dever e a sustentabilidade educativa</p> <p>v.8 – Crescer e ser pela educação: renovar o mundo pelos olhares e vozes das crianças construído</p> <p>v.8 – A pesquisa em educação: a realidade como objeto teórico</p> <p>v.9 – Que signifie la référence à l’humanisme dans la pensée éducative contemporaine?</p> <p>v.11 – Pedagogia da carícia – elementos para uma educação libertadora e esperançosa</p> <p>v.11 – As crianças e os valores da Utopia</p> <p>v.11 – O projeto educativo da 1ª República</p> <p>v.11 – A atual cultura para a educação no Brasil: a escola e a cultura do desempenho</p> <p>v.10 – Expériences et problématisations dans le processus de raport aux savoirs</p> <p>v.10 – L’expérience comme chemin d’un sens problématologique</p> <p>v.10 – Problématiser l’expérimentation dans le contexte éducatif</p>

Categorias	Temáticas	Artigos
------------	-----------	---------

<p>Filosofia da Educação</p>	<p>Estatuto da Filosofia da Educação</p> <p>Ciências da Educação</p> <p>Educação filosófica</p> <p>Ensino</p>	<p>v.1 – Quel vocabulaire pour penser la sécularisation de l’idée éducative? La Pédagogie em proie aux limites</p> <p>v.3 – Nos limiaries contemporâneos da educação: interpelar as interpelações epistemológicas e hermenêuticas da filosofia da educação</p> <p>v.3 – La philosophie de l’éducation: la “conscience malheureuse” le visage de Janus et les mouvement</p> <p>v.3 – A problemática da emancipação no pensamento de Paulo Freire</p> <p>v.2 – Ensaio sobre as Ciências da Educação como teoria e disciplina na Alemanha no fim do século XX.</p> <p>v.4 – Da hermenêutica à ética em Paul Ricouer: contributo para um desenvolvimento educativo</p> <p>v.4 – Philosophie d’Education. Quelques réflexions</p> <p>v.4 – Complexidade, Filosofia da Educação, Filosofia na educação: um olhar</p> <p>v.4 – L’éducation entre connaissance du fait et pensée di sens. L’action pédagogique</p> <p>v.5 – Fenomenologia e dimensões educativas em Vergílio Ferreira: algumas reflexões</p> <p>v.5 – Filosofia analítica da educação: uma introdução concisa</p> <p>v.5- Caminhos da racionalidade: o ponto de encontro entre a racionalidade e a educação</p> <p>v.6 – Ensino e pesquisa em filosofia da educação: temas?</p> <p>v.6 – O essencialismo pedagógico Johann Fichte</p> <p>v.6 – Friedrich Nietzsche: da pedagogia da salvação à pedagogia da perda</p> <p>v.7 – Maria Montessori e Gabriel Marcel: educadores em tempos sombrios</p> <p>v.7- Para uma filosofia da educação de matriz portuguesa: o contributo de Fidelino de Figueiredo</p> <p>v.7 – Ser e significar: uma dimensão educativa</p> <p>v.7- La philosophie de l’éducation en problématisation, la contradiction résistante et la congruence difficile</p> <p>v.7 – Que filosofia da educação para o século XXI? Um contributo a partir do pensamento e obra de Herbert Marshal</p> <p>v.8 – Da filosofia da educação à sofística renovada</p> <p>v.8 – Les images de la transmission</p> <p>v.9 – Les tribulations du bien et du vraí em education</p> <p>v.9 – Pestalozzi et la construction du savoir pédagogique</p> <p>v.11 – Para uma filosofia da educação de matriz portuguesa: o contributo de Mario Gonçalves Viana (1900-1977)</p> <p>v.11 – A educação entre indivíduo e coletivo: uma experiência paradoxal</p> <p>v.11 – Itinerários estéticos da filosofia educacional</p> <p>v.1 – Antropotécnicas y pedagogía</p> <p>v.2 – Une éducation morale pour une société sécularisée.</p> <p>v.3 – L’Éducation esthétique l’âge postmoderne.</p> <p>v.3 – Educação: estratégias e dispositivos de exercício de poder</p> <p>v.3 – Da necessidade de uma educação estética: contributo para uma nova abordagem existencial.</p> <p>v.3 – A identidade profissional dos professores e a qualidade da educação: entre os desafios do real e o discurso da simulação</p> <p>v.3 – A ténue fronteira entre o endoutrinamento e a educação.</p> <p>v.3 – A educação filosófica face ao desafio pós-moderno.</p> <p>v.3 – A educabilidade como limiar da endoutrinação e da reprodução</p> <p>v.4 – Antropogênese e educação</p> <p>v.5 – Re-visitando as reflexões kantiana sobre a importância da educação, do ensino e do filosofar</p> <p>v.7 – Análise em defesa das contribuições determinantes da “Filosofia da Educação” para o “ensino da filosofia” nas escolas</p> <p>v.9 – Contribuições ao ensino de filosofia no Brasil a partir dos princípios deweyanos sobre educação</p> <p>v.9 – La place des savoirs dans l’éducation</p> <p>v.10 – L’expérience professionnelle: ressource et obstacle à la problématisation</p> <p>v.11 – L’intinéraire de Pestalozzi: entre engagement pratique et distanciation philosophique</p> <p>v.11 – O Ser-aí e a sua libertação enquanto problema pedagógico: revisitando Martin Heidegger</p> <p>v.11 – Alteridade e dialogicidade na pedagogia de Paulo Freire: o lugar da palavra numa pedagogia emancipatória</p>
------------------------------	---	--

Categorias	Temáticas	Artigos
Interculturalidade	Educação intercultural Culturas	v.2 – Do etnocentrismo à interculturalidade como utopia – algumas interpelações. v.2 – Interculturalidade: soteriologia antropológica num mundo globalizado? v.2 – Inter culturalité et apprentissage des langues De l’humanisme à l’ecole nouvelle. v. 2 – Pensar as culturas nas/das/com as periferias dos centros. v.2 – La logique interculturelle de l’action éducative: Homogénéité ou Hétérogénéité? v.3 – Universal sem totalidade e urgência de uma educação intercultural v.4 – O problema da discriminação positiva na educação v.7 – A educação intercultural antes e depois de Auschwitz v.10 – Problématisation de l’interculturalité em partant d’une expérience problématique v.10 – Problématiser la différence, experimenter la répétition. Quelques apports á partir de Deleuze v.11 – Les femmes, des pédagoges “autres” ?
Subjetividade	Estatuto do sujeito Comunicação Imaginação Imaginário	v.3 – Utopia, simbolismo e educação v.3 – Subjectividade, perfectibilidade e utopia em educação. v.2 – Criatividade intempestiva – para repensar a criatividade em Carl Rogers a partir dos contributos de Gilles Deluze v.6 – A educação para a cidadania e a recuperação das narrativas v.1- Educação e imaginário para um “novo espírito pedagógico” v.3 – Plasticidade e tradução: algumas reflexões sobre a textualidade formativa v.1 – O diálogo dinâmico entre as ciências e a religião como artilheiro pedagógico transdiscursivo v.5 – As fronteiras da subjetividade. Uma perspectiva do pensamento de Soren Kierkegaard à luz da Filosofia da Educação v.4 – O mestre na idade da verdade ténue v.3 – Opacidade e transparência no dizer educativo v. 5 - “Para uma ética da informática” v.8 – A poesia ensina? Re-ligando mitos e logos a caminho do pensamento complexo v.9 – Dédalo e o labirinto A figura simbólica do labirinto como emblema da educação v.9 – Os filmes e o desenvolvimento da imaginação v.9- À volta da hibridez discursiva: questões de textualidade e educação v.11 – Nós e eles: responsabilidade social dos media na construção de uma cidadania culturalmente inclusiva v.11 – Desenvolvimento pessoal, formação humana e educação: entre a noção de “encontro” de Alfonso López Quintás e a categoria da “comunicação” em Gabriel Marcel

A publicação da Revista se insere no conjunto de atividades do Gabinete e tem por objetivo “fomentar continuamente um espaço em que se concilie coerentemente a abertura ao livre debate de ideias no âmbito da Filosofia da educação com um sistemático sentido do rigor em termos de sua fundamentação” (Edição N°1⁹). Assim podemos evidenciar o papel formador que a revista busca ter no domínio da reflexão filosófica sobre o ato educativo.

3. Os editoriais da Revista

A leitura dos editoriais revela, ao longo dos seus 11 números, a concepção de filosofia da educação que anima a Escola do Porto, quando expressa que: “nesta revista espelha-se o projecto e parte da obra filosófica de uma escola de pensamento que, com abnegação, se procurou afirmar no âmbito da filosofia e do diálogo interdisciplinar com a investigação educacional” (Ed., n°6)

Nos editoriais¹⁰ da Revista há uma defesa reiterada da necessidade de se construir uma Filosofia da Educação que seja a expressão do livre debate e de rigor filosófico, assim, a revista tem

⁹ Esse primeiro número é dedicado a divulgação dos trabalhos apresentados no Colóquio mas, os próximos números estarão aberto a outras iniciativas que forem enviadas e submetidas a apreciação do Conselho Científico da Revista.

¹⁰ Essa ideia está presente nos editoriais dos números: 1º; 2º; 5º; 9º.

como projeto “construir progressivamente um corpo de saber próprio da Filosofia da Educação com uma incontornável e efectiva natureza filosófica. Uma filosofia que, por acréscimo, seja detentora de relevância social” (Edição, N°1). Duas questões merecem destaque na afirmação, uma relacionada a questão da identidade da Filosofia da Educação e, por isso, a necessidade de sublinhar que o corpo de saber produzido pela FE deve ser de natureza filosófica e, a segunda, é a relevância social¹¹ desse mesmo saber. Essas duas afirmações aparecem como premissas constantemente reiteradas pelos investigadores do GFE, que passam, tanto pelo *locus* de onde o discurso é pronunciado, quanto pela compreensão do papel problematizador¹² dessa filosofia na contemporaneidade. Assumir esse carácter é condição *sine qua non* na busca de soluções das questões que emergem cotidianamente.

A assunção da problematização como base para a estruturação dos projetos pedagógicos requer uma ruptura com uma concepção de formação de matriz positivista e submetida à lógica de uma razão tecnicista, da eficácia tecnocrática, o que por sua vez, exige um investimento no pensamento reflexivo hermenêutico que, mais do que certezas, aponta para as possibilidades, quer sejam de problematizações, quer sejam de horizontes para a construção de projetos educativos em que a filosofia da educação pode dar uma contribuição efetiva.

Este é um dos propósitos que tem animado o projecto de construção de uma filosofia da educação que, sendo filosófica, isto é, assumindo as vertentes antropológica, ética, estética, política e hermenêutica da sua interpelação, devolva à educação e aos seus propósitos de ação, sob a forma de problemáticas, a correlação entre as situações e os horizontes de vida que ela experimenta e propõe. É que o maior desafio que se coloca ao homem – através da educação – não é tanto o ser ou a morte mas a vida enquanto ela se dilacera, nele, como busca, esperança e frustração de sentidos. Enquanto in/finitude... (Editorial N°5, 2007)

No Editorial do N° 10¹³ são explicitados os principais eixos das investigações da rede Problema que envolvem: a natureza do problema; o projeto como possibilidade de problematização, como processo; a problematização como modalidade de sentido e juízo; a valorização dos processos de aprendizagem; a assunção do paradigma do problema. Carvalho ainda alerta para a diversidade epistemológica que carregam as proposições de Dewey, Bachelard, Deleuze e Meyer,

¹¹ A questão do pressuposto da relevância social se encontra em vários editoriais. Destacamos o editorial do número 2 em que são publicados os textos apresentados para debate no “seio de um grupo restrito de investigadores que se reuniram para reflectir sobre os pressupostos da interculturalidade”. Justifica-se a escolha da temática pela relevância social e filosófica da questão.

¹² O papel problematizador a FE dará a tônica de quase todos os editoriais da revista, no entanto, será mais claramente explicitado nos editoriais dos números: 3; 5; 8; 10 e 11;

¹³ O n° 10 da revista estão publicados os trabalhos apresentados no colóquio da Rede Problema que ocorreu em maio de 2009 no Porto.

“respectivamente, para uma pedagogia das situações centrada no projecto e no problema, para uma filosofia da formação em torno do sentido do problema, para uma educação assente na aprendizagem e no pensamento e para o reconhecimento de uma competência geral para problematizar”. (Edição N°10)

A reflexão sobre a natureza da Filosofia da Educação enquanto um campo disciplinar que precisa estar aberto a contribuição, a diversidade de saberes, métodos é objeto de reflexão do editorial N° 9, quando afirma que “a interpelação da filosofia da educação enquanto filosofia traduz-se numa intervenção efectiva no contexto da produção do saber e da sua prática” (Editorial N°9). Essa reflexão é retomada no editorial N° 11 onde a tônica do discurso se desloca para o papel da filosofia da educação num contexto de crise.

Tendo a Revista, como uma atividade do GFE, o propósito de congregar, divulgar e estimular a discussão de um saber “próprio da filosofia da educação” (Edição N°1) e, nesse sentido, se coloca como o *locus* de constituição e consolidação do campo e, como o campo se caracteriza por ser um espaço de forças, de lutas, e nesse caso específico, congregando duas áreas do saber, resulta portanto, que nos editoriais da Revista estejam presentes, em alguns momentos de forma implícita ou explícita, os embates e conflitos que permeiam as relações entre os investigadores da Filosofia, das Ciências da Educação e da Filosofia da educação. Compreendemos que "os campos são os lugares de relações de forças que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas" (BOURDIEU, 2004, p.27), portanto, não pode ser compreendido como imutável e estável. Dessa forma, "é a estrutura das relações objetivas entre os agentes que determina o que eles podem e não podem fazer" (Idem, p.23) ou seja, a posição que ocupam no campo que orienta suas práticas, que por sua vez, se encontram relacionadas ao capital científico que os atores detêm num dado momento.

No editorial do N° 6 revelam-se nas entrelinhas os conflitos e as críticas que provavelmente a “revista” era objeto, o que faz com que o texto esteja marcado por inúmeras explicações e justificativas da origem dos artigos. Essa questão será novamente discutida no editorial do N° 9, dessa forma, fica evidente que, apesar do esforço, ainda não logrou êxito o projeto de um diálogo interdisciplinar com a educação, mais especificamente com os investigadores das Ciências da Educação.

Nesse espaço, no conjunto de justificativas acerca do teor, compromisso, seriedade da Revista, os embates e conflitos que estão ocorrendo no campo e nas relações entre os investigadores da Filosofia e das Ciências da Educação para a definição da identidade do campo aparecem de forma mais explícita. Enfatiza-se não só o compromisso da Revista, mas também, o fato de que esta, vem cumprindo o papel de ser *locus* em que “a filosofia da educação se cumpre entre as

vicissitudes das perspectivas múltiplas e a consolidação de um saber que, tendo referências ancestrais, é todavia filosoficamente novo” (Edição N°6).

Nestas páginas, ao longo de seis números, foram acolhidos artigos em que se transcreveram propostas de debates que animaram encontros nacionais e internacionais. Incluíram-se trabalhos de especialistas convidados. Deu-se espaço a sínteses de trabalhos acadêmicos. Inseriram-se textos do grupo de Filosofia da Educação que, no universo do Gabinete de Filosofia da Educação, constitui o núcleo de suporte de um trabalho sistemático, continuado e persistente que, precedendo a revista, a lançou e animou. (Editorial N°6)

A Revista pode ser vista como a ponta do iceberg, dando a ver uma questão que usando as palavras do professor a precede, qual seja, o que está por traz diz respeito não somente ao lugar da Filosofia da Educação, mas ao que pode constituir sua identidade, e isso é evidente quando no editorial se reforça “nesta revista espelha-se o projecto e parte da obra de uma escola de pensamento que, com abnegação, se procurou afirmar no âmbito da filosofia e do diálogo interdisciplinar com a investigação educacional”.

Ou seja, o campo é não só o lugar da constituição de uma forma específica de capital, nesse caso, o capital científico, mas também o espaço do reconhecimento, apropriação e divulgação desse mesmo capital, o que, em última instância define o que pode ser ou não reconhecido, como Bourdieu (2004 p. 25) enfatiza:

Cada campo é o lugar da constituição de uma forma específica de capital. (...) O capital científico é uma espécie particular de capital simbólico (o qual, sabe-se, é sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico (...).

Por fim, o editorial revela os conflitos que permeiam esse processo de constituição e consolidação do campo tanto com os investigadores vinculados as Ciências da Educação como também, com os filósofos que se consideram “puros”, ou seja, para que o campo possa se consolidar e ser reconhecido por seus pares se faz necessário romper com as barreiras tanto da Filosofia quanto das Ciências da Educação. No editorial a tônica recai não sobre o campo, mas sobre a filosofia e a educação, que é quem acaba perdendo com essa “incomunicabilidade”.

Entre os impasses, encontra-se a persistência, por uma série de equívocos, de uma certa incomunicabilidade entre os cultores das disciplinas filosóficas estritas e os investigadores das ciências da educação, perdendo ambos – e, com eles, a filosofia e a educação – com esse mutismo

recíproco. Disso são responsáveis os preconceitos puristas de uns e o cientismo de outros. (Edição N° 6)

Algumas considerações

Essa investigação objetivou, de forma aproximativa, apreender como o campo da Filosofia da Educação está se constituindo em Portugal tomando por objeto de análise a Revista publicada pelo GFE, no entanto, temos clareza de que não é possível dissociar essa análise das atividades do GFE.

O GFE/FLUP congrega um número significativo de pensadores de diferentes matizes filosóficas e de escolas da filosofia da educação de Portugal e, internacionalmente, em uma rede, articula o pensamento filosófico de Portugal com os pensadores de vários países. Em outras palavras, há um nível de articulação nacional e internacional, materializada nas publicações, nos intercâmbios, nas organizações de eventos e participação de Redes de Filosofia da Educação, tanto europeias como, no caso da SOFELP, com pensadores de Língua portuguesa de diferentes continentes (africano, americano, europeu).

A filosofia da educação instaura-se como “razão crítica da razão educativa” (CARVALHO, 2001, p. 28), o que está explicitado em vários editoriais da revista, no projeto do Dicionário, nas comunicações e conferências dos eventos. Destarte a Filosofia da educação é compreendida como uma hermenêutica da ação.

Dessa forma, é possível afirmar, depois da leitura e análise dos artigos da Revista e trabalhos apresentados nos eventos a predominância de uma matriz antropológica que se materializa nas diferentes abordagens e reflexões que subjazem as problemáticas contemporâneas da educação tendo como eixo a reflexão dos direitos humanos. Assim, entre as problemáticas abordadas pelos investigadores portugueses destacamos os temas: utopia, projeto, interculturalidade, educabilidade, cultura, respeito, novas tecnologias, comunicação, imaginário. Reflexões essas, enraizadas na sociedade contemporânea e nos desafios que se impõem a educação, buscando interfaces e diálogo com a tradição filosófica.

As investigações no campo estão vinculadas a uma “filosofia social”, ou seja, há a preocupação numa reflexão que possa efetivamente contribuir para a elucidação das problemáticas que mobilizam a educação e a sociedade portuguesa contemporânea. Dessa forma há uma matriz filosófica que a partir da antropologia perpassa as reflexões éticas, estéticas e epistemológicas, o que pode ser comprovado nas finalidades do Gabinete, nos editoriais da revista, nas temáticas dos colóquios, conferências.

Nestas últimas décadas identificamos 49 investigadores¹⁴ vinculados a 13 instituições de ensino superior que se dedicam a reflexão da Filosofia da Educação em Portugal o que revela a importância que a Filosofia da Educação neste país.

Documentos consultados:

Periódicos:

REVISTA PORTUGUESA DE FILOSOFIA. Braga: Faculdade de Filosofia de Braga, 1945-1994

REVISTA ITINERÁRIOS DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO. Porto: Gabinete de Filosofia da Educação: Edições Afrontamento, 1994-2011.

Actas dos eventos:

Actas do **I Encontro Nacional de Filosofia da Educação** realizado na Universidade do Minho de 28 e 29 de novembro de 1997.

Actas da **1ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação** - “Diversidade e Identidade” realizada no Porto de 6 a 8 de maio de 1998.

Actas da **2ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação** - “Limites Contemporâneos da Educação. Perspectivas filosóficas” realizado no Porto de 3 a 5 de novembro de 2005.

Actas do **1º Congresso de Filosofia da Educação** - “Educação caminho para o século XXI” realizado na universidade dos Açores em 26 de junho de 1997.

Actas do **2º Colóquio de Filosofia da Educação** - “Utopia e pragmatismo em educação: desafios e perspectivas” realizado na Universidade dos Açores em maio de 1999.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. (2004) **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: UNESP.

CARVALHO, Adalberto Dias (Org.). (2001) **Filosofia da educação: temas e problemas.** Porto: Edições Afrontamento.

CARVALHO, Adalberto Dias (Coord.) (2000) **Dicionário de Filosofia da Educação.** Porto: Porto Editora.

CARVALHO, Adalberto Dias (Coord.) (2010) **Contemporaneidade educativa e interpelação filosófica.** Porto: Edições Afrontamento.

¹⁴ Esse dado pode ser visualizado no anexo 1 onde apresentamos um quadro com a participação dos investigadores tanto de Portugal como de outros países nos eventos e a publicação na revista e no dicionário.

- CARVALHO, Adalberto Dias (Coord.) (2010) **Limiares críticos da educação contemporânea**. Porto: Edições Afrontamento.
- CARVALHO, Adalberto Dias (Coord.) (2011) **Solidão e solidariedade: entre os laços e as fracturas sociais**. Porto: Edições Afrontamento.
- NÓVOA, Antonio. (1997) A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, Denice Barbara, BASTOS, M. Helena Camara (Orgs.). **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escritura.
- IBÁÑEZ-MARTÍN, José Antonio. (2006) Filosofia da Educação. In: CARVALHO, Adalberto Dias (Coord.) **Dicionário de Filosofia da Educação**. Porto: Porto Editora LTDA.
- SEVERINO, Antonio J. (2002) A filosofia da educação no Brasil: esboço de uma trajetória. In: GHIRALDELLI Jr, Paulo (Org.) **O que é Filosofia da Educação?** 3ª ed., Rio de Janeiro: DP&A.
- VASQUEZ, Stella Máris. (2012) **La filosofía de la educación: estado de la cuestión y líneas esenciales**. 2ª ed., Argentina: CIAFIC Ediciones.